

Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro: ecoespiritualidade no Salmo 92

*Herb, wild bovine, date palm and cedar:
ecospirituality in Psalm 92*

Matthias Grenzer

Resumo

O Salmo 92 acolhe imagens de flora e fauna a fim de, a partir delas, favorecer uma reflexão teológico-espiritual sobre realidades que, de forma conflitante, atingem as convivências entre os seres humanos. Nesse sentido, a oração bíblica em questão menciona a erva comparando-a com os perversos, enquanto reflete sobre o justo como quem se torna semelhante à tamareira e ao cedro. Sua própria frente, porém, o salmista compara com a de um bovino selvagem. A pesquisa aqui apresentada dedica-se ao estudo desses vegetais e do animal poeticamente mencionados no Salmo 92. Assim será possível descrever o quanto essa oração bíblica promove determinada ecoespiritualidade. Imagina-se, pois, que as pessoas poderão compreender melhor a si mesmas e as convivências entre si quando, em suas reflexões, envolverem a natureza com um olhar qualificado. Afinal, semelhantemente à história, fauna e flora parecem guardar, de forma mística, a capacidade de transmitir uma lição de vida ao ser humano, sendo que tal lição revela a palavra de Deus e uma sabedoria específica nela contida. Por sua vez, no que se refere à justiça, fica claro o quanto as dimensões teológicas e socioambientais precisam ser pensadas conjuntamente.

Palavras-chave: Salmos. Ecoespiritualidade. Flora. Fauna.



Abstract

Psalm 92 welcomes images of flora and fauna in order to, from them, benefit a theological-spiritual reflection on realities that, in a conflicting way, affect the coexistence between human beings. In this sense, the biblical prayer in question mentions the herb comparing it with the wicked, while reflecting on the just as one who becomes similar to a date palm and cedar. It's own forehead, however, the psalmist compares with the horn of a wild bovine. The research presented here is dedicated to the study of these plants and the animal poetically mentioned in Psalm 92. Thus it will be possible to describe how much this biblical prayer promotes a certain ecospirituality. It is imagined, therefore, that people will be able to better understand themselves and their coexistence when they involve a qualified look at nature in their reflections. After all, similar to history, fauna and flora seem to keep, in a mystical way, the ability to transmit on a life lesson to the human beings, a lesson that reveals the word of God and the specific wisdom contained therein. In turn, when it comes to justice, it is clear how much theological and socio-environmental dimensions need to be thought out together.

Keywords: Psalms. Ecospirituality. Flora. Fauna.

Introdução

O orante ou salmista, figura inerente aos Salmos, contempla, em diversos momentos, a *fauna* e a *flora*. Ao acolher “a possibilidade provinda do idioma de ilustrar sua afirmação”, utiliza diversos *vegetais* e *animais* como *metáforas* e *comparações*.¹ Esse fenômeno não é constante nos Salmos; no entanto, a presença multiplicada de *árvores*, *vegetais baixos* e *animais* chama a atenção do ouvinte-leitor dessas orações bíblicas. Por isso, antes de o estudo aqui apresentado se dedicar ao Salmo 92, a título de aproximação ao tema da *ecoespiritualidade* será oferecida aqui uma lista possivelmente completa dos *vegetais* e *animais* no livro dos Salmos.

¹ SEYBOLD, K., Poetik der Psalmen, p. 193.

1. Vegetais lenhosos, vegetais herbáceos e animais nos Salmos

O substantivo hebraico comumente traduzido como “árvore” (עֵץ) aparece seis vezes nos Salmos (Sl 1,3; 74,5; 96,12; 104,16; 105,33; 148,9). Além disso, o ouvinte-leitor encontra ali árvores específicas. O “cedro” (אַרְז) é seis vezes mencionado (Sl 29,5^{2x}; 80,11; 92,13; 104,16; 148,9) e uma só presença cabe ao “cipreste” (בְּרוֹשׁ), em Sl 104,17, à “tamareira” (תְּמָר), em Sl 92,13, ao “sicômoro” (שִׁקְמוֹה), em Sl 78,47, à “figueira” (תְּאֵנָה), em Sl 104,33, ao “salgueiro” (עֶרְבָה), em Sl 137,2 e, aparentemente, ao “carvalho” (אַזְלָה), em Sl 29,9. Juntam-se ainda as duas menções à “oliveira” (זַיִת), em Sl 52,10; 128,3, e as cinco da “videira” (נָפֶת), em Sl 78,47; 80,9.15; 105,33; 128,3. Vale aludir também aos *arbustos* da “giesta” (רֶתֶם), em Sl 120,4, e ao “espinheiro” (דָּאָשׁ), em Sl 58,10. Ademais, o ouvinte-leitor dos Salmos há de pensar nas *árvores*, quando é citado, sete vezes, o “bosque” (יַעַר), em Sl 29,9; 50,10; 80,14; 83,15; 96,12; 104,20; 132,6, e, uma vez, a “vinha” (כַּרְם), em Sl 107,37, por tratar-se de espaços que nascem de um conjunto de *vegetais lenhosos*. Do mesmo modo, pressupõe-se essa presença quando há menção à “folha” ou à “folhagem” (עֵלֶה), em Sl 1,3, ao “fruto” (פֶּרִי) da árvore frutífera, em Sl 1,3; 107,37; 148,9 – o mesmo vocábulo “fruto” (פֶּרִי), aparentemente, indica a produção dos vegetais baixos em Sl 72,16; 105,35, ou da “terra fértil” em Sl 107,34 –, à “ramagem” (עֵצִי), em Sl 104,12, ao “galho” (עָנָף), em Sl 80,11, ao “ramo” (קָצִיר), em Sl 80,12, ao “rebento” (יֹנֶקֶת), em Sl 80,12 – ver também o “rebento” (שִׁתְלִי) em Sl 128,3 –, e à “raiz” (שֹׁרֶשׁ), em Sl 80,10. Outrossim, as essências aromáticas da “mirra” (מֹר) e da “acácia” (קִצְיָעָה), ambas citadas em Sl 45,9, trazem à memória do ouvinte-leitor dos Salmos as *árvores* correspondentes. O mesmo vale para a base do “perfume” e/ou para o alimento do “óleo” ou “azeite” (שֶׁמֶן), em Sl 23,5; 45,8; 55,22; 89,21; 92,11; 104,15; 109,18.24; 133,2; 141,5, assim como para as bebidas do “mosto” (תִּירוֹשׁ), em Sl 4,8, e do “vinho” (יַיִן), em Sl 60,5; 75,9; 78,65; 104,15. Enfim, a menção a treze espécies de árvores ou arbustos, assim como os vocábulos mais genéricos ligados aos *vegetais lenhosos* ou aos espaços onde eles existem, deixa a impressão de que o salmista procura o contato com a *natureza* para qualificar seu diálogo com Deus e sua reflexão sobre o ser humano.

Essa impressão se intensifica ao se identificar os *vegetais menores* nos Salmos. Um primeiro grupo é formado por três palavras hebraicas: a “erva” (עֵשֶׂב), em Sl 72,16; 92,8; 102,5.12; 104,14; 105,35; 106,20, a “erva nova” ou “relva verde” (דָּשָׁא), em Sl 23,2; 37,2, e o “capim” (חֲצִיר), em Sl 37,2; 90,5;

103,15; 104,14; 129,6; 147,8. Ao se tratar do alimento principal do gado grande e pequeno, entram no horizonte também os espaços em que se encontra tal vegetação: ver os vocábulos “pastagem” (נִיָּה ou נִיָּה), em Sl 23,2; 65,13; 68,13; 74,20; 79,7; 83,13, “prado” (פֶּר), em Sl 37,20; 65,14, e “pasto” (מִרְעִית), em Sl 74,1; 79,13; 95,7; 100,3. Nesse contexto, cabe ainda lembrar o *vegetal* do “caniço” (קָנֶה), em Sl 68,31. Um segundo grupo de vocábulos ligados ao campo semântico dos *vegetais menores* gira em torno da produção de grãos, fonte alimentícia do ser humano. Nesse sentido, faz-se menção ao “trigo” (חִטָּה), em Sl 81,17; 147,14, ao “cereal” (בֵּר), em Sl 65,14; 72,16, ao “grão” (דָּגָן), em Sl 4,8; 65,10; 78,24, à “semente” (זֶרַע), em Sl 126,6, ao “feixe” (אֶלְמָה), em Sl 126,6, ao “debulho” (מֶצֶן), em Sl 1,4; 35,5, à “palha” (קֶשׁ), em Sl 83,14, e aos trabalhos de “plantar” (נָטַע), em Sl 80,9.16; 104,16; 107,37, “arar” (חָרַשׁ), em Sl 129,3, “semear” (זָרַע), em Sl 97,11; 107,37; 126,5, “ceifar” (קָצַר), em Sl 126,5; 129,7, e “enfeixar” (עָמַר), em Sl 129,7. Além disso, espaços como o “campo” (שָׂדֶה), em Sl 78,12.43; 103,15; 107,37; 132,6, a “plantação” (נִטְיָעַ), em Sl 144,12, ou o “sulco” (שְׂחֵל), em Sl 129,3^{2x}, trazem os vegetais baixos ao horizonte da reflexão. O mesmo vale para os alimentos produzidos pelos vegetais baixos, embora o livro dos Salmos mencione apenas o “pão” (לֶחֶם), em Sl 14,4; 37,25; 41,10; 42,4; 53,5; 78,20.25; 80,6; 102,10; 104,14.15; 105,16.40; 127,2; 132,15; 136,25; 146,7; 147,9. No mais, os Salmos apresentam as *plantas baixas* do “aloés” (אֶהְלוֹת), em Sl 45,9, do “hissopo” (אֶזְזוֹב), em Sl 51,9, do “junco” (סוּף), em Sl 106,7.9.22; 136,13.15, do “cardo” (קִרְיָ), em Sl 118,12, e, como termo mais coletivo ou genérico, a “flor” (צִיץ), em Sl 103,15. Enfim, as menções a sete *vegetais* específicos, o olhar sobre a “flor do campo” (Sl 103,15) e a presença de um conjunto de palavras ligadas às *plantas baixas* reforçam a impressão de que o salmista, como as pessoas nas mais diversas épocas, convive com a *natureza*.²

A questão *ecológica* nos Salmos, no entanto, precisa ser estendida ainda à presença dos *animais*, os quais, por respirarem, são compreendidos como *seres vivos*, uma vez que, na antiguidade, ainda não se conhecia o processo de respiração das plantas. A lista dos animais e de suas múltiplas menções nos Salmos é longa.³

² Para o estudo dos *vegetais bíblicos*, ver ZOHARY, M., *Plants of the Bible*; HÄUSL, M., *Vom Garten Eden bis zu Salomos Weinberg*; DUKE, J. A., *Duke's Handbook of Medicinal Plants of the Bible*; TAL, A., *All the Trees of the Forest*; COMMITTEE ON TRANSLATIONS OF THE UNITED BIBLE SOCIETIES, *Fauna and Flora of the Bible*; MUSSELMAN, L. J., *A Dictionary of Bible Plants*.

³ Segue-se aqui, no que se refere à classificação dos animais em categorias, a proposta de DEYSEL, L. C. F., *Animal names and categorisation in the Hebrew Bible*.

Primeiramente, apresenta-se a categoria dos *animais terrestres*, começando com subgrupo dos *animais domésticos*: o “gado pequeno” (צֹאן), em Sl 44,12.23; 49,15; 65,14; 74,1; 77,21; 78,52.70; 79,13; 80,2; 95,7; 100,3; 107,41; 114,4.6; 144,13 – ver também o “gado pequeno” (צֹנֶה) em Sl 8,8 –; a “ovelha de cauda gorda” (מִיחַ), em Sl 66,15; o “cordeiro” (שֶׂה), em Sl 119,176; o “gado grande” (בָּקָר), em Sl 66,15; o “gado pasteiro” (בָּעִיר), em Sl 78,48; o “gado manso” (אֶלֶוֹף), em Sl 144,14; o “animal” ou o “gado” como “quadrúpede” (בְּהֵמָה), em Sl 8,8; 36,7; 49,13.21; 50,10; 73,22; 104,14; 107,38; 135,8; 147,9; 148,10; o “touro” (שׁוֹר), em Sl 69,32; 106,20; o “touro ensinado” (אֶלֶף), em Sl 8,8; o “novilho” (פֶּרֶ), em Sl 22,13; 50,9; 51,21; 69,32; o “touro fortão” (אֶבִיר), em Sl 22,13; 50,13; 68,31; o “bezerro” (עֶגְלָה), em Sl 68,31; “o bode” (עֲתוּד), em Sl 50,9.13; 66,15; o “carneiro” (אֵיל), em Sl 66,15; 114,4.6; o “cão” (כֶּלֶב), em Sl 22,17.21; 59,7.15; 68,24; o “cavalo” (סוּס), em Sl 20,8; 32,9; 33,17; 76,7; 147,10; o “burro” (פָּרֶד), em Sl 32,9.

Outro subgrupo de *animais terrestres* é formado pelos *animais selvagens*, como: o “texugo” (שָׁפָן), em Sl 104,18; a “camurça” (יָעֵל), em Sl 104,18; o “chacal” (תַּן), em Sl 44,20; a “hiena” (צִי), em Sl 72,9; 74,14; a “raposa” (שׁוּנְעָל), em Sl 63,11; o “javali” (חֲזִיר), em Sl 80,14; o “bovino selvagem” (רָאֵם), em Sl 22,22; 29,6; 92,11; o “asno selvagem” (פָּרָא), em Sl 104,11; o “leão” (אַרְיֵה), em Sl 7,3; 10,9; 17,12; 22,14.22; o “filhote do leão” (שִׁחִל), em Sl 91,13; o “leão jovem” (כֶּפִיר), em Sl 17,12; 34,11; 35,17; 58,7; 91,13; 104,21. Junta-se a isso o “bicho do campo” (דָּבָר), em Sl 50,11; 80,14, além de falar-se, de forma genérica, do “animal” ou do “ser vivo do bosque”, da “fera” e/ou do “animal da terra” ou “do campo” (חַיָּה), em Sl 50,10; 68,11.31; 74,19^{2x}; 78,50; 79,2; 104,11.20.25; 143,3; 148,10, sendo que o termo “animal do campo” pode se referir também ao grupo dos animais domésticos.

Uma segunda categoria nasce dos *animais rastejadores*. Nesse sentido, o livro dos Salmos menciona a “serpente” (נָחָשׁ), em Sl 58,5; 140,4, a “cobra” (פִּתְוִן), em Sl 58,5; 91,13, e a “víbora” (עֶכְשׂוֹב), em Sl 140,4. Além disso, observa-se o “verme” (תּוֹלֵעָה), em Sl 22,11, a “lesma” (שִׁבְלִיל), em Sl 58,9, e a “rã” (צִפְרִידָּע), em Sl 78,45; 105,30.

A terceira categoria é formada pelos *animais voadores*, igualmente presentes no livro dos Salmos. De forma genérica, encontra-se o “pássaro” (צִפּוֹר), em Sl 8,9; 11,1; 84,4; 102,8; 104,17; 124,7; 148,10, a “ave” (עוֹף), em Sl 50,11; 78,27; 79,2; 104,12, e o “filhote” ou “pássaro jovem” (אֶפְרֹחַ), em Sl 84,4. Como espécie, menciona-se a “andorinha” (דָּרוֹר), em Sl 84,4, o “abutre” (נָשָׁר), em Sl 103,5, a “cegonha” (חֲסִידָה), em Sl 104,17, a “codorniz” (שָׁלוֹ), em

Sl 105,40, o “corvo” (עֹרֵב), em Sl 147,9, a “pomba” (יוֹנָה), em Sl 55,7; 56,1; 68,14, e a “rolinha” (תוֹר), em Sl 74,19.⁴ Também entram nessa lista os *insetos voadores*, como a “mosca” (עָרֵב), em Sl 78,45; 105,31, o “mosquito” (פֶּן), em Sl 105,31, o “gafanhoto” (אַרְבֶּה), em Sl 78,46; 105,34; 109,23, a “locusta” (חֲסִיל), em Sl 78,46, o “grilo” (גִּלְגַּל), em Sl 105,34, a “traça” (שֵׁשׁ), em Sl 39,12, a “abelha” (דְּבוּרָה), em Sl 118,12, bem como o “bicharedo miúdo” (רִמָּשׁ), em Sl 104,25; 148,10.

A quarta categoria acolhe os *animais nadadores*. Nesse sentido, encontra-se o “peixe” (דָּגָה), em Sl 105,29. No mais, alguns animais ligados à água ganham presença como representantes de *monstros míticos*: veja-se a proximidade entre o crocodilo e os seres do “leviatã” (לִיָּוִיָּתָן), em Sl 74,14; 104,26, e do “monstro marinho” (תַּיִן), em Sl 74,13, 91,13; 148,7.⁵ Vale a pena lembrar também do “Raab” (רָהַב) como representante do Egito e do mar em Sl 87,4; 89,11.

Assim como no caso dos *vegetais herbáceos e lenhosos*, certos vocábulos trabalhados nos Salmos trazem à memória do ouvinte-leitor os *animais*. Ora se trata de partes específicas do animal, como a “asa” (כַּנָּף), em Sl 17,8; 18,11; 36,8; 57,2; 61,5; 63,8; 68,14; 78,27; 91,4; 104,3; 139,9; 148,10, a “asa” e/ou a “pena” (אַבְרָהָה e אֶבֶר), em Sl 55,7; 68,14; 91,4, o “chifre” ou a “frente” (קֶרֶן e קָרְן), em Sl 18,3; 22,22; 69,32; 75,5.6.11^{2a}; 89,18.25; 92,11; 112,9; 118,27; 132,17; 148,14, ou o “casco fendido” (פֶּרֶס), em Sl 69,32; ora se visa a conjuntos de animais – ver o “rebanho” (עֶדֶר), em Sl 78,52, e a “manada” (מִקְנֶה), em Sl 78,48 –, ou a um lugar em que animais se fazem presentes, como o “curral” (שְׂפִתַּיִם), em Sl 68,14, ou o “ninho” (קֶן), em Sl 84,4; ora se olha para determinados materiais obtidos a partir dos animais, como o “marfim” (שֵׁן), em Sl 45,9, e o couro do “odre” (בָּאֵד), em Sl 56,9; 119,83; ora se trata de alimentos produzidos por animais, como o “mel” (דְּבֶשׁ), em Sl 19,11; 81,17; 119,103, o “favo” (נֶפֶת), em Sl 19,11, a “manteiga” (מֶחֱמָאָה), em Sl 55,22, a “gordura” ou o “tutano” (דֶּשֶׁן), em Sl 36,9; 63,6; 65,12 – ver também o vocábulo traduzível como “gordura” (חֶלֶב) em Sl 17,10; 63,6; 73,7; 119,70, enquanto a mesma palavra indica “o melhor” ou a “flor do trigo” em Sl 81,17; 147,14 –, e a “carne” (שֶׁאֵר e בֶּשָׂר), em Sl 50,13; 78,20.27 – ver ainda o gado pequeno como “alimento” (מֵאֲכָל) em Sl 44,12. Eventualmente, os vocábulos “provisão” (צִיד), em Sl 132,15, e “mantimento” (צִידָה), em Sl 78,25, se referem

⁴ Em relação ao pássaro ora compreendido como “abutre” ora como “águia” (נֶשֶׁךְ), ver GRENZER, M.; BREY, P., Águia ou abutre? (Ex 19,4).

⁵ No que se refere ao *crocodilo* como representante do leviatã e do monstro marinho, ver KEEL, O., Jahwes Entgegnung an Ijob, p. 141-156.

à caça. Finalmente, sejam lembrados outros três vocábulos ligados ao mundo dos animais: o “esterco” (רִקְקָה), em Sl 83,11, a “presa” (רֶגֶץ), em Sl 104,21; 124,6, e a “rede” (רֶשֶׁת) do caçador, em Sl 91,3; 124,7^{2x}.

Resumindo, ao contemplar esse campo semântico ligado aos *animais* é possível ter uma primeira impressão sobre o espaço que também a *fauna* ocupa no livro dos Salmos. O salmista acolhe, pois, cinquenta e quatro animais diferentes em suas orações, além de juntar um vocabulário que, de forma indireta, traz os animais à memória do ouvinte-leitor. No entanto, não se faz jus aos Salmos impressionar-se apenas com a quantidade dos elementos de *fauna* e *flora* presentes nessas orações bíblicas. Somente ao perceber a profundidade da reflexão teológica veiculada pelas *metáforas* e *comparações* acolhedoras de *vegetais lenhosos*, *vegetais herbáceos* e *animais* será possível descobrir que existe uma *ecoespiritualidade* nos Salmos. Para verificar isso *in loco*, visite-se agora o Salmo 92.

2. A estrutura poética do Salmo 92

O Salmo 92 é um texto artisticamente configurado. Trata-se de poesia lírica. Por isso, observem-se aqui alguns detalhes em relação à forma do poema. Eis uma tradução mais literal e segmentada:

- v.1 Salmo. Canto para o dia do sábado.
- v. 2a É bom agradecer ao SENHOR
- v. 2b e salmodiar teu nome, ó Altíssimo,
- v. 3a anunciar tua lealdade de manhã
- v. 3b e tua fidelidade durante as noites,
- v. 4a com um instrumento de dez cordas e com uma lira,
- v. 4b com a dedilhação numa cítara.
- v. 5a Porque me alegraste com teu fazer, SENHOR,
- v. 5b jubilo com as obras de tuas mãos.
- v. 6a Como são grandes tuas obras, SENHOR,
- v. 6b teus projetos são muito profundos!
- v. 7a O homem estúpido não o sabe
- v. 7b e o insensato não entende isso.
- v. 8a Ao terem florescido os perversos como erva,

- v. 8b todos os malfeitores brotaram,
- v. 8c a fim de serem suprimidos para sempre.
- v. 9a Tu, porém, és eternamente elevado, ó SENHOR.
- v. 10a Porque eis teus inimigos, SENHOR:
- v. 10b eis que teus inimigos perecerão,
- v. 10c todos os malfeitores se dispersarão.
- v. 11a Elevaste minha fronte como (a) de um bovino selvagem:
- v. 11b fiquei umedecido com perfume exuberante.
- v. 12a Meu olho contempla os que me espreitam,
- v. 12b meus ouvidos escutam malvados entre os que se erguem contra mim.

- v. 13a O justo florescerá como a tamareira,
- v. 13b crescerá como um cedro no Líbano.
- v. 14a Plantados na casa do SENHOR,
- v. 14b florescerão nos átrios de nosso Deus.
- v. 15a Ainda prosperarão de cabelo grisalho,
- v. 15b serão seivosos e exuberantes,
- v. 16a para anunciar: “Realmente, o SENHOR é reto.
- v. 16b É meu rochedo e nele não há iniquidade”.

A oração apresenta um discurso individual. Após inicialmente prevalecer um discurso impessoal (v. 2-4), o salmista adota, na parte central do poema (v. 5-12), a primeira pessoa do singular. Ora o verbo é conjugado nessa forma (v. 5b.11b), ora os sufixos pronominais insistem em tal perspectiva (v. 5a.11a.12a^{2x}.b.c.16b). No entanto, em um só momento, os sufixos pronominais insistentes na primeira pessoa do singular cedem espaço à visão comunitária, sendo que, no v. 14b, o salmista, ao olhar para o templo, diz “nosso Deus”, fazendo uso do sufixo pronominal da primeira pessoa do plural.

O *eu* do salmista, por sua vez, dialoga com o *tu*, que é o Senhor, Deus de Israel. Nesse sentido, observa-se que o *tetragrama* ocorre sete vezes no Sl 92 (v. 2a.5a.6a.9a.10a.14a.16a), sendo “o número sete amplamente usado como dispositivo estilístico”, inclusive para tornar transparente a semana de criação (Gn 1,1–2,4a) e o sétimo dia dela, que é “o dia do sábado” (v. 1).⁶ Todas as ocorrências na parte central do Salmo (v. 5-12)

⁶ SARNA, N. M., *The Psalm for the Sabbath Day (Ps 92)*, p. 167.

trazem o nome de Deus como *vocativo*, ao contrário do que se percebe na primeira e terceira parte da oração poética (v. 2-4.13-16). Além disso, quatro *epítetos*, somente na primeira e última parte, acompanham o tetragrama: o “nome” (v. 2b), o “Altíssimo” (v. 2b), “Deus” (v. 14b) e o “rochedo” (v. 16b). Também se ouve ou lê, justamente nessas duas partes que molduram o Salmo, sobre quatro qualidades éticas atribuídas ao Senhor: a “lealdade” (v. 3a), a “fidelidade” (v. 3b), a “retidão” (v. 16a) e a “ausência de iniquidade” (v. 16b). No mais, dez sufixos pronominais se referem ao Senhor (v. 2b.3a.b.5a.b.6a.b.10a.b.16b), além de este último precisar ser pensado como sujeito no caso de dois verbos na segunda pessoa do singular (v. 5a.11a). Ganha ainda destaque a frase nominal no centro do Sl 92, em que o salmista se dirige a seu Deus usando, no início, o pronome pessoal absoluto da segunda pessoa do singular e, no final, o nome dele: “Tu, porém, és eternamente elevado, ó SENHOR” (v. 9a). Aliás, trata-se do “centro semântico, retórico e estrutural do Salmo”, uma vez que quinze linhas com cinquenta e duas palavras antecedem o que se encontra no v. 9a, e quinze linhas com cinquenta e duas palavras seguem tal verseto.⁷ No mais, juntando as quatro palavras do verseto central (v. 9a) e as quatro palavras do título (v. 1), percebe-se que o Sl 92 é formado pelo simbólico número de sessenta palavras. Finalmente, observe-se ainda que o salmista, diferentemente de seu diálogo direto com Deus em praticamente toda a oração dele, discursa na primeira linha sobre o Senhor (v. 2b). A isso corresponde, no final do poema oracional, o discurso dos retos sobre o Senhor, relatado (v. 16a) e citado (v. 16b) pelo salmista. Assim, ouve-se ou lê-se o único sufixo pronominal da terceira pessoa singular (v. 16b), que, como os outros nove da segunda pessoa singular (v. 2b.3a.b.5a.b.6a.b.10a.b), se refere ao Senhor. Quer dizer, no início e no final do Sl 92, o diálogo com Deus se transforma em discurso sobre Deus, ou seja, em “anúncio” (v. 3a.16a), sendo que a presença dessa raiz verbal (גַּדַּ) nas extremidades da oração reforça a impressão de existir uma moldura e/ou inclusão. Todavia, essa mudança de perspectiva, com um salmista que ora se dirige a Deus, ora à comunidade para lhe falar sobre Deus, é uma característica dos Salmos.⁸

No mais, o salmista, após ter iniciado seu diálogo com o Senhor na estrofe

⁷ TUCKER, W. D., *The Ordered World of Psalm 92*, p. 362.

⁸ Ver o emprego desse elemento estilístico de forma característica no Salmo 23 (GRENZER, M., *Pastoreio e hospitalidade do Senhor* (Sl 23)).

inicial (v. 2-4), preocupa-se com dois grupos. Na estrofe central (v. 5-12), visa primeiramente a um conjunto de pessoas opositoras a ele e a Deus. Eis a lista de expressões usadas por quem reza: “homem estúpido” (v. 7a), “insensato” (v. 7b), “perversos” (v. 8a), “malfeitores” (v. 8b.10c), “inimigos” do Senhor (v. 10a.b), “espreitadores” (v. 12a) e “malvados” que “se erguem” contra o outro (v. 12b). Na terceira e última estrofe (v. 13-17), o salmista visa, no entanto, ao “justo” (v. 13a), ora como indivíduo (v. 13a-b.16b), ora como grupo (v. 14-15). Ao terminar sua oração, as palavras do salmista parecem até confundir-se com as palavras dos justos (v. 16). Todavia, para caracterizar o comportamento e o destino de ambos os grupos – dos *justos* e dos *malfeitores perversos* –, o salmista envolve, de forma extensa, *comparações* e *metáforas* ligadas à *fauna* e à *flora*. Sejam estudados agora tais *símbolos*, sendo que eles, tanto em vista da configuração poética como em relação à reflexão teológico-espiritual do Sl 92, exercem uma função importante. Aliás, no nível da linguagem, as *imagens* oriundas da vida animal e dos vegetais ganham realce a partir do quádruplo uso da mesma conjunção comparativa (כִּי ou כִּמּוֹ), traduzida aqui por “como” (v. 8a.11a.13a.b).

3. Como a erva

Quando realidades caóticas atingem a pessoa, é difícil encontrar palavras para descrever o que acontece. Isso vale também para o salmista no Sl 92. Admirador dos “feitos” (v. 5a), das “obras” (v. 5b.6a) e dos “projetos” (v. 6b) do Senhor, Deus de Israel, ele se vê exposto a “perversos” (v. 8a: רָשָׁעִים), “malfeitores” (v. 8b.10c: פְּעֻלֵי אָוֶן), “inimigos” (v. 10a.b: אֹיְבִים), “malvados” (v. 12b: מְרִעִים), “espreitadores” (שׂוֹרְרִים) e/ou opositores que “se erguem contra” o companheiro (v. 12b: קָמִים). A opção é recorrer à *linguagem metafórica* ligada à *fauna* e à *flora*. De forma surpreendente, pois, “o emprego de uma imagem gera ordem numa sequência de acontecimentos percebidos como caóticos”, no sentido de “a força das imagens provindas da natureza se encontrar na adequabilidade evidente delas”, justamente por se tratar de “símbolos arquétipos”.⁹

Nesse sentido, a primeira *imagem* introduzida no Sl 92 por meio da preposição “como” (כִּי) insiste na *comparação* dos perversos à “erva” (v. 8a: עֵשֶׂב). O *vegetal* em questão, trinta e três vezes mencionada na Bíblia Hebraica – ver Gn 1,11.12.29.30; 2,5; 3,18; 9,3; Ex 9,22.25; 10,12.15^{2x}; Dt 11,15; 29,22; 32,2; 2Rs 19,26; Jó 5,25; Sl 72,16; 92,8; 102,5.12; 104,14; 105,35; 106,20; Pr

⁹ STICHER, C., “Die Gottlosen gedeihen wie Gras”, p. 252-253.

19,12; 27,25; Is 37,27; 42,15; Jr 12,4; 14,6; Am 7,2; Mq 5,6; Zc 10,1 –, indica *gramíneas*, ou seja, *vegetais herbáceos*, tratando-se ora de *plantas selvagens*, ora de *plantas cultivadas* pelo ser humano (Sl 104,14). A Bíblia contempla as “ervas”, sobretudo, como *alimento*, seja para os animais selvagens e domésticos (Dt 11,15; Jr 14,6; Sl 106,20), seja para o ser humano (Gn 3,18; Zc 10,1; Sl 104,14).¹⁰ Nesse sentido, *relva* e *feno* são *ervas*, mas *legumes*, *verduras* e *cereais* também o são. No mais, de forma característica, parte-se da ideia de que as *ervas*, em princípio, “germinam na época chuvosa e ressecam no verão” (Gn 2,5).¹¹ Ao mesmo tempo, sabe-se que as *chuvas torrenciais* (Ex 9,22.25), o *gafanhoto* (Ex 10,12.15^{2x}; Am 7,2; Sl 105,34-35), um *incêndio* (Dt 29,22) ou a *aridez* e *secura* (Is 42,15; Jr 12,4) podem destruir “toda erva”. Lembra-se ainda que, juntamente com palavra *erva* (עֵשֶׂב), outros substantivos formam um campo semântico com sobreposições parciais. Assim, também abrangendo coletivamente diversas espécies de plantas, existem os vocábulos de “relva (tenra)” (אֶשְׂבָּל) – ver as quatorze menções em Gn 1,11.12; Dt 32,2; 2Sm 23,4; 2Rs 19,26; Jó 6,5; 38,27; Sl 23,2; 37,2; Pr 27,25; Is 15,6; 37,27; 66,14; Jr 14,5 –, de “capim” ou “feno” (הָצִיר) – ver as vinte e uma presenças em 1Rs 18,5; 2Rs 19,26; Jó 8,12; 40,15; Sl 37,2; 90,5; 103,15; 104,14; 129,6; 147,8; Pr 27,25; Is 15,6; 34,13; 35,7; 37,27; 40,6.7^{2x}.8; 44,4; 51,12 –, de “algo verde” (יֵרֶק) – ver as oito ocorrências em Gn 1,30; 9,3; Ex 10,15; Nm 22,4; 2Rs 19,26; Sl 37,2; Is 15,6; 37,27 – e/ou de “verdura” (יֶרֶק) – ver Dt 11,10; 1Rs 21,2; Pr 15,17. Em vista disso, Gn 1,11-12 parece imaginar que toda planta nasce como “relva tenra” (אֶשְׂבָּל): tanto a “erva” (עֵשֶׂב), ou seja, o *vegetal herbáceo*, como a “árvore” (עֵץ), o *vegetal lenhoso*. E, segundo Gn 1,29-30, o ser humano tem a “erva” (עֵשֶׂב) e o “fruto da árvore” (פְּרִי־עֵץ) como seus alimentos – assim como a “verdura” (יֶרֶק) da “horta” (Dt 11,10; 1Rs 21,2; Pr 15,17) –, enquanto os animais comem “toda erva verde” (כָּל־יֵרֶק עֵשֶׂב) – ou, segundo Jó 6,5; Sl 23,2; Jr 14,5, a “relva” (אֶשְׂבָּל) e, conforme Nm 22,4, aquilo que é “verde” (יֵרֶק), respectivamente, de acordo com 1Rs 18,5; Is 34,13; Sl 104,14; Jó 40,15, o “capim” ou “feno” (הָצִיר).

Diante dessa experiência com a *flora*, visando-se à “erva” (עֵשֶׂב), surge

¹⁰ Gn 9,3 não imagina “o verde da erva” – no sentido de “erva verde” ou “erva verdejante” – como alimento do ser humano, pois, segundo Gn 1,30, trata-se do alimento do animal. Indica-se, por sua vez, metaforicamente que haverá “uma existência exuberante de animais como base alimentícia” para o ser humano como, de forma abundante, existe o *verde das ervas* (BAUMGART, N. C., *Die Umkehr des Schöpfungsgottes*, p. 308).

¹¹ MAIBERGER, P., עֵשֶׂב *‘ēśēb*, p. 383.

a pergunta sobre o que o Sl 92 dá a entender ao referir-se a tal vegetal? É comum na literatura veterotestamentária imaginar que os seres humanos, em geral, são como a “erva do campo” ou a “erva da terra”: ver os “habitantes das cidades” em 2Rs 19,26; Is 37,27; Sl 72,16, ou os “descendentes” do “homem mortal repreendido por Deus” (Jó 5,17.25). Semelhantemente, Sl 90,5; 103,15 descrevem os “filhos do ser humano” ou o “homem mortal” como “capim”, assim como, em Is 40,6, “toda a carne” e, em Is 40,7, o “povo” são “capim”. Ou seja, visando ao destino, “o homem” é aquele que “morre” e “o filho do ser humano” é quem “é entregue como capim” (Is 51,12). Com isso, realça-se a brevidade da vida. Como, pois, a “erva”, o “capim” ou mesmo uma “flor do campo” (Jó 14,2; Sl 103,15; Is 40,6.7.8), também “o nascido da mulher” é alguém de “dias breves”. No entanto, enquanto um “resseca como a erva” (Sl 102,5.12) ou “desaparece como capim”, o outro “aparece como relva tenra”, sendo que também este logo será “erva colhida” (Pr 27,25). Basta um “orvalho” ou uma “garoa” para fazer a “erva” brotar novamente (Dt 32,2; Mq 5,6; Pr 19,12), sendo que, em relação ao ser humano, essa umidade criadora é comparada à “palavra de Deus” e, por consequência, ao “resto de Jacó” ou ao “rei”.

No Sl 92, no entanto, a imagem da “erva” é aplicada somente aos “perversos” (v. 8a) e “malfeitores” (v. 8b). No caso, o orante afirma que “perversos floresceram como erva” (v. 8a) e que, assim, “brotaram todos os malfeitores” (v. 8b). No entanto, o destino dos dois seria “a supressão deles”, e isso “para sempre” (v. 8c). Cabe, portanto, às pessoas, de modo especial as insistentes na perversidade, aprender da *erva* a lição da *brevidade* e, com isso, a sabedoria de que, em princípio, será substituída rapidamente por outra *erva*. Mais ainda, nasce com isso um contraste irônico em relação aos *perversos* e *malfeitores*: a presença deles será curta (v. 8a), mas sua ausência será eterna (v. 8c). Para o *justo* sofredor, por sua vez, o Sl 92 prevê outro destino.

4. Chifre ou fronte como de um bovino selvagem

A segunda *imagem* no Sl 92, novamente introduzida pela proposição “como” (כִּי), traz um animal: o “bovino selvagem” (v. 11a: רָאָם). Mais exatamente, ao “mencionar sua própria experiência de salvação”, o orante pensa no *chifre* do *bovino selvagem*.¹² Contudo, para compreender bem a

¹² ZENGER, E., Psalm 92, p. 636.

formulação no v. 11a, é preciso diferenciar entre os dois elementos. De um lado, o poema traz uma *metáfora*, quando formula: “Elevaste minha fronte (meu chifre)”. Para evitar a acepção pejorativa do vocábulo “chifre” (v. 11a: קָרָן) na língua portuguesa, traduz-se aqui como “fronte”. De outro lado, o poema investe na ideia da igualdade, semelhança e/ou correspondência, trazendo uma *comparação* introduzida pela preposição comparativa “igual a” ou “como” (v. 11a: כִּי). Mais ainda, a formulação hebraica, de modo retórico, antecipa o elemento da comparação – “Elevaste, igual a um bovino selvagem, minha fronte” (v. 11a: וַתִּרָם כִּי־רָאִים קָרָנִי) –, ao contrário do que se observa no v. 8a. Essa sequência de palavras na frase hebraica, porém, não é mantida em português.

Diversos animais selvagens e domésticos – gado bovino, ovino e caprino – têm *chifre*. A Bíblia Hebraica menciona os “chifres” do “carneiro” (אַיִל), em Gn 22,13; Dn 8,3.6.7.20, do “cabrão” (צִפְרִי), em Dn 8,5.8.21, do “novilho” (פָּר), em Sl 69,32, e do “bovino selvagem”, em Dt 33,17; Sl 22,22. Sabe-se que o *chifre*, de acordo com seu tamanho, ora serve ao animal como “arma contra um animal selvagem”, ora para impor ao membro da mesma espécie, via “linguagem corporal”, sua “posição mais alta na hierarquia”.¹³ Quanto mais poderio cabe ao animal, mais “eleva o chifre” (v. 11a).

No caso do Sl 92, no entanto, se visa a um “chifre como de um bovino selvagem” (v. 11a). Entre os nove vocábulos diferentes para os *bovinos* na Bíblia Hebraica, dois deles, como designações genéricas, insistem no critério da *espécie* e/ou do coletivo. De um lado, há o *bovino selvagem* ou o *auroque* (רָאִם); de outro, o *bovino domesticado* (בֶּקָר). No caso deste último, outros sete vocábulos insistem em diferenciações adotando o critério do *gênero* – ver a *vaca* (פָּרָה) –, o critério da *faixa etária* – ver o *bezerro*, o *vitelo*, o *novilho* ou o *touro novo* (עֵגֶל) e a *bezerra*, a *vitela*, a *novilha* ou a *vaca nova* (עֵגְלָה) – e o critério da *função* – ver o *touro forte* ou *valente* (אַבִּיר), o *touro* a ser ensinado para a lavoura e a pecuária (אַלָּר), o *touro* como animal de pasto e propriedade rural (שׂוֹר) e o *touro* usado para o sacrifício (פָּר).¹⁴

O *bovino selvagem*, por sua vez, nove vezes mencionado na Bíblia

¹³ RIEDE, P., “Doch Du erhöhstest wie einem Wildstier mein Horn”, p. 210-211.

¹⁴ Acolhe-se aqui o estudo sobre os bovinos no Antigo Testamento de Klaus KOENEN [“... denn wie der Mensch jedes Tier nennt, so soll es heissen” (Gn 2,19), p. 539], lembrando que, “para Israel, não se comprova a existência de touros castrados, mas, segundo Lv 22,24b, se trata até de uma prática proibida”. Portanto, a tradução comum de vários dos substantivos acima elencados por *boi*, em princípio, pode causar uma compreensão equivocada.

Hebraica (Nm 23,22; 24,8; Dt 33,17; Jó 39,9.10; Sl 22,22; 29,6; 92,11; Is 34,7), impressiona com “uma altura de 1,75-1,85 m, com um comprimento até 3,10 m, com um peso até 1.000 kg” e, especialmente, com seus “chifres longos, pontudos e fortes de até 80 cm” [ver a menção a essas “eminências” (תועפות) em Nm 23,22; 24,8, ou desses “chifres” (קַרְנֵה) em Dt 33,17; Sl 22,22].¹⁵ Mais ainda, segundo a literatura bíblica, o *bovino selvagem* é “sinônimo de vigor e força, e até de soberania e liberdade”, sendo que “o homem”, em princípio, “não tem poder sobre ele”, uma vez que não consegue domesticá-lo (Jó 39,9-10).¹⁶ Em contrapartida, em meio aos textos e às imagens iconográficas que visam à caça de animais selvagens, também aparece o *bovino selvagem*.¹⁷ Todavia, ao contemplar justamente esse animal selvagem, especialmente seu *chifre*, o orante no Sl 92 afirma a respeito do Senhor, Deus de Israel: “Elevaste minha frente como (a) de um bovino selvagem” (v. 11a). Quer dizer, “mesmo que muitos animais ameaçassem os humanos e que, por isso, estes últimos os combatessem, isso não impedia de também admirar tais animais”, sendo que “inúmeras comparações e metáforas mostram a estreita conexão entre humanos e animais, baseada na observação”.¹⁸ Ou seja, além da *flora*, também a *fauna* transmite sua sabedoria, sendo que esta última inclui, centralmente, um conhecimento a respeito de Deus.

Nesse sentido, acolhendo os paralelismos oferecidos pelos escritos bíblicos, é interessante observar como Davi contempla “Deus” como “chifre de sua salvação” (2Sm 22,3; Sl 18,3).¹⁹ Além disso, de forma repetida, Deus é pensado como quem “eleva” ou “faz brotar a frente” de alguém, respectivamente como quem “coloca uma frente” mais resistente em alguém, ou que “a frente” de alguém “se eleva no Senhor”: ver Ana (1Sm 2,1), o ungido de Deus (1Sm 2,10), Sedecias (1Rs 22,11; 2Cr 18,10), o justo (Sl 75,11; 112,9), o povo (Sl 89,18; 148,14), Davi (Sl 89,25; 132,17), a casa de Israel (Ez 29,21), a filha de Sião (Mq 4,13) e até o adversário (Lm 2,17). Ao contrário, porém, Deus também pode promover ou permitir o “corte”, o “despedaçamento” ou o rebaixamento da “frente” de alguém: ver os perversos

¹⁵ RIEDE, P., “Doch Du erhöhstest wie einem Wildstier mein Horn”, p. 213.

¹⁶ KOENEN, K., “... denn wie der Mensch jedes Tier nennt, so soll es heissen” (Gn 2,19), p. 540.

¹⁷ Ver a imagem encontrada na fortaleza do rei assírio Salmanassar III (859-824 a. C.) em Nimrud, publicada em MALLOWAN, M.; HERRMANN, G., Furniture from SW.7 Fort Shalmaneser, p. 68, e reproduzida em KEEL, O., Jahwes Entgegnung na Ijob, p. 77.

¹⁸ RIEDE, P., “Doch frage die Tiere, sie werden dich lehren”, p. 3.

¹⁹ Em Hab 3,4 se pode entender que “chifres” – em vez de “raios” – “estão a partir da mão” de Deus: FABRY, H.-J.; Habakuk/Obadja, p. 278.302.

(Sl 75,11), Moab (Jr 48,25), as nações (Zc 2,4), Jó (Jó 16,15) e Israel (Lm 2,3). No mais, além de o Senhor, como “eternamente elevado” (v. 9a), “elevantar a frente” de seu fiel, ele também pode ordenar aos “perversos” que “não elevem sua frente” (Sl 75,15.16). Quer dizer, a imagem do *chifre* ou da *frente* traz consigo uma dupla conotação. De acordo com a situação, prevê-se a elevação ou o rebaixamento dele ou dela.

Semelhantemente funciona o *símile* do *bovino selvagem*. Por mais forte que este animal seja, Deus exerce seu domínio sobre ele (Jó 39,9-10). Assim, junto às nações, a “espada do Senhor” pode fazer “os bovinos selvagens caírem” (Is 34,6-7). Ou imagina-se que “o Senhor faz saltar o Sarion como a cria de bovinos selvagens” (Sl 29,6), ou que ele precisa “salvar dos chifres de bovinos selvagens” quem grita por ele (Sl 22,22). Em todos esses casos, o animal tão imponente representa uma força caótica capaz de ameaçar o ser humano em sua sobrevivência. Em outros momentos, por sua vez, o mesmo *bovino selvagem* e seu *chifre* servem como uma imagem positiva. No caso, Balaão descreve o povo do êxodo como tendo “eminências de um bovino selvagem” (Nm 23,22; 24,8). E Moisés abençoa os israelitas afirmando que “os chifres de José são chifres de um bovino selvagem” (Dt 33,17). Nesse segundo sentido, também o orante no Sl 92 afirma que o Senhor teria “elevado a frente dele como” o chifre de “um bovino selvagem” (v. 11a).

6. Como a tamareira

Uma terceira *imagem* no Sl 92, outra vez introduzida pela proposição “como” (כִּי), compara o “justo” (צַדִּיק) à “tamareira” ou à “datileira” (תְּמָר), que é uma “palmeira” (v. 11a). Trata-se de uma das *árvores frutíferas* mais antigas, sendo que ela, comprovadamente, já foi cultivada no Egito e na Mesopotâmia desde 5000 a.C. A *tamareira* atinge uma altura de dez a trinta metros. No extremo do caule, forma-se um tufo com até vinte folhas pinadas de dois a três metros. Entre os seus trinta e cem anos, a árvore produz, anualmente, até cem quilogramas de *tâmaras*, bagos carnudos de dois a sete centímetros com amido e um porcentual alto de açúcar. Além da produção desse alimento precioso, a *tamareira* oferece sua madeira como lenha e material de construção, suas folhas para a confecção de tapetes, cestos e outros utensílios, assim como suas fibras que, misturadas com pelos de animais, servem para fazer cordas e lonas.²⁰

²⁰ Ver, em vista das informações aqui dadas, RIEDE, P., Palme; SCHÜTTE, I. M., Dattelpalme; ZOHARY, M., Pflanzen der Bibel, p. 60-61.

O nome hebraico do vegetal lenhoso – ver a *tamareira* (תָּמָר) em Ex 15,27; Lv 23,40; Nm 33,9; Sl 92,13; Ct 7,8.9; Jl 1,12; Ne 8,15, e com outra vocalização (תְּמָר) em Jz 4,5; Jr 10,5 – também existe como nome próprio feminino [ver *Tamar* (תָּמָר) em Gn 38,6.11^{2x}.13.24; Rt 4,12; 2Sm 13,1.2.4.5.6.7.8.10^{2x}.19.20.22.32; 14,27; 1Cr 2,4; 3,9] e como nome de local [ver Jericó como “cidade das tamareiras” (עִיר הַתְּמָרִים) em Dt 34,3; Jz 1,16; 3,13; 2Cr 28,15, ou “Tamar” (תְּמָר) em 1Rs 9,18; Ez 47,19; 48,28].²¹ Além disso, prevê-se o uso de “ramos” ou “folhas de tamareiras” para a *festa das cabanas* (Lv 23,40; Ne 8,15).²²

Quais, por sua vez, são as prováveis conotações simbólicas da árvore em questão, quando o orante no Sl 92 afirma que o “justo florescerá como a tamareira” (v. 13a)? De um lado, é possível que tal árvore represente o “julgamento” (מִשְׁפָּט) e, com isso, o “direito” como instrumento que define o que é justo, sendo que, segundo a tradição, a juíza e profetiza Débora julgava os filhos de Israel “sentada debaixo de uma tamareira” (Jz 4,5). De outro lado, a *tamareira* espelha com aquilo que ela produz ora a bênção divina, ora o ser humano como quem, por meio de seu comportamento justo, contribui para que exista longevidade e uma produção abundante de bens favorável à sobrevivência de todos. Afinal, cabe ao justo o destino de ser “como uma árvore plantada junto a canais de água, que dá o fruto dela a seu tempo e cuja folhagem não murcha” (Sl 1,3).²³ Tal *árvore*, certamente, é bem representada por uma *tamareira*.

7. Como um cedro

A quarta *imagem* no Sl 92, mais uma vez introduzida pela proposição “como” (כִּי), compara o “justo” (צַדִּיק) ao “cedro” (v. 13b). Com seis presenças, o “cedro” (אַרְז) é a *árvore* mais mencionada no livro dos Salmos (Sl 29,5^{2x}; 80,11; 92,13; 104,16; 148,9). Nos demais escritos da Bíblia Hebraica, tal *vegetal lenhoso* recebe outras sessenta e sete menções.

²¹ No que se refere a Jr 10,5, talvez se trate de uma “coluna semelhante à palmeira como trabalho de tornearia em madeira ou metal” (DIETRICH, W.; ARNET, S., *Konzise und aktualisierte Ausgabe des Hebräischen und Aramäischen Lexikons zum Alten Testament*, p. 661), sendo que essa, comumente, é compreendida como “espantalho”.

²² Existe ainda o substantivo a ser compreendido como “ornamento de palmeira” ou “ornamento de ramo de palmeira” (תְּמָרָה) em 2Rs 6,29.32^{2x}.35.36; Ez 40,16.22^{2x}.26.31.34.37; 41,18^{2x}.19^{2x}.20.25.26; 2Cr 3,5.

²³ GRENZER, M., *Caminhos de justos e perversos* (Sl 1), p. 16-17.

O *cedro* existia, sobretudo, no Líbano e na Cilícia, mas não em Israel, por crescer em regiões montanhosas, sobre solos rochosos. Com sua altura de trinta a cinquenta metros e com um diâmetro de tronco de até dois metros, o cedro fornece *madeira* preciosa de construção, sobretudo por sua resistência. No mundo antigo, as diversas nações a importavam para construir navios (Ez 27,5), templos, palácios e móveis (2Sm 5,11; 7,2.7; 1Rs 5,20.22.24; 6,9.10.15.16.18^{2x}.20.36; 7,2^{2x}.3.7.11.12; 9,11; Jr 22,14; Ct 1,17; 8,9; Esd 3,7; 1Cr 14,1; 17,1.6; 22,4^{2x}; 2Cr 2,2.7), e até ídolos (Is 44,14). Nesse sentido, o *cedro* se tornou expressão de riqueza (1Rs 10,27; Jr 22,15; 2Cr 1,15; 9,27). Impressiona também como o *cedro* pode atingir uma idade de até mil anos.²⁴ No mais, a madeira do *cedro* oferece *óleos essenciais*, com efeitos antissépticos, bactericidas, diuréticos, expectorantes, fungicidas e inseticidas.²⁵ Além disso, conforme as leis de culto no Pentateuco, “a madeira do cedro e/ou as lascas dela eram importantes para ritos de santificação e purificação (Lv 14,4.6.49.51.52; Nm 19,6)”.²⁶ Em vista disso, compreende-se também que o *cedro* era objeto de estudo botânico (1Rs 5,13).

Contudo, tendo em vista a altura e a matéria-prima tão preciosa oferecida por essa árvore, o *cedro* ganha diversas *conotações simbólicas*, representando a *grandeza*, a *majestade*, o *poder* e/ou a *realeza* (Nm 24,6; Jz 9,15; 2Rs 14,9; 19,23; Is 14,8; 37,24; Ez 31,3.8; Am 2,9; Zc 11,1.2; Jó 40,17; Ct 5,15; 2Cr 25,18). Em contrapartida, justamente por essa sua representatividade, os *cedros* podem tornar-se alvos da ação do Senhor, Deus de Israel, como quem combate orgulho, soberba e/ou altivez (Is 2,13; 9,9; Jr 22,7.23). Mais ainda, exige-se do *cedro* que represente ou testemunhe a ação favorável de Deus a seu povo humilde (Is 41,19; Ez 17,3.22.23).

O que, por sua vez, caracteriza a presença do *cedro* nos Salmos? Destaca-se, de forma repetida, o poder que Deus tem sobre essa árvore majestosa. O Senhor, pois, tem como “destroçar os cedros do Líbano” (Sl 29,5^{2x}). Mais ainda, ao agir com *Israel*, os “galhos” dessa sua *videira*, arrancada por ele do Egito e plantada em terras novas, ganham a tarefa de até “cobrirem os cedros” existentes na mesma região, sendo que estes últimos, como “cedros de Deus”, também lhe pertencem (Sl 80,11). Aliás, o Senhor, Deus de Israel, é contemplado como quem “plantou os cedros do Líbano” e os sacia com a

²⁴ ZOHARY, M., Pflanzen der Bibel, p. 104-105; ASSMANN, C., Libanon-Zeder, p. 124-125; RIEDE, P., Zeder, p. 1-7.

²⁵ ASSMANN, C., Libanon-Zeder, p. 125; DUKE, J. A., Duke's Handbook of Medicinal Plants of the Bible, p. 84.

²⁶ RIEDE, P., Zeder, p. 2.

chuva que oferece (Sl 104,16). Por isso, junto à natureza inteira, cabe também aos “cedros” a tarefa de “louvarem o Senhor” (Sl 148,9).

No Sl 92, por sua vez, “o justo” é meditado como quem “crescerá como um cedro no Líbano” (v. 13b). De um lado, cabem-lhe, portanto, altura, majestade, grandeza, poder, realeza e longevidade, a fim de servir a projetos de construção e à saúde física e espiritual dos seres humanos. De outro lado, por mais que se destaque e possa ter um bom futuro, o *justo*, como *cedro*, deve estar consciente do poder de Deus sobre ele e da primazia de Israel.

Conclusão

Quem reza no Salmo 92 contempla repetidamente *fauna e flora*. Surgem, com isso, quatro comparações que acolhem *vegetais herbáceos* (v. 8a) e *lenhosos* (v. 13a.b), assim como um *animal selvagem* (v. 11a). Além disso, o orante observa que, em meio à natureza, existem os processos de “florescer” (v. 8a.13a.14b), “brotar” (v. 8b), “crescer” (v. 13b), “plantar” (v. 14a), “prosperar” (v. 15a), “ser seivoso” (v. 15b) e “ser exuberante” (v. 11b.15b). Mais ainda, assim como existem “elevações” (v. 11a), também há a possibilidade de ocorrerem “supressões” (v. 8c).

Com esse olhar atento e pormenorizado para a natureza, nasce a ideia de que *fauna e flora* guardem uma lição de vida e/ou uma sabedoria própria para o ser humano, sendo que esta, constantemente, culmina na reflexão sobre Deus. Nesse sentido, é possível dizer que as orações bíblicas presentes nos *Salmos*, em determinados momentos, promovem uma *ecoteologia* e/ou uma *ecoespiritualidade*.²⁷ Quer dizer, os *Salmos* convidam seus ouvintes-leitores a acolher e a respeitar a *natureza*, inclusive o espaço onde prevalece a *vida selvagem* como “lugar de contemplação e isolamento da vida no dia a dia”, a fim de reorganizar seu pensamento e reencontrar-se com a ordem prevista por Deus para este mundo.²⁸ Consequentemente, a destruição de *fauna e flora* apenas iria eliminar um importante lugar de encontro com Deus.²⁹

²⁷ Em 2016, Espíndola e Lodoño apresentaram elementos iniciais de uma *leitura ecológica dos Salmos* (ESPÍNDOLA, L. G.; LODOÑO, A., *Perspectiva a partir da Bíblia*, p. 146-148).

²⁸ DYK, P. van, *Eco-Theology*, p. 848. Numa pesquisa recentemente publicada, foi possível mostrar que também o legislador israelita não estava alheio às *questões ambientais* e, com isso, *ecoteológicas* e/ou *ecoespirituais* (GRENZER, M.; GROSS, F., *Leis deuteronomicas favoráveis à preservação de fauna e flora*).

²⁹ A presente pesquisa sobre o Salmo 92 foi aceita para ser discutida, em julho de 2020, no *International Meeting da SBL (Society of Biblical Literature)*.

Referências bibliográficas

ASSMANN, C. Libanon-Zeder. In: HÄUSL, M. (Org.). **Vom Garten Eden bis zu Salomos Weinberg**: Pflanzen in der Bibel. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2018. p. 124-125.

BAUMGART, N. C. **Die Umkehr des Schöpfergottes**: zu Komposition und religionsgeschichtlichem Hintergrund Von Gen 5–9. Freiburg: Herder, 1999.

COMMITTEE ON TRANSLATIONS OF THE UNITED BIBLE SOCIETIES. **Fauna and Flora of the Bible**. London: United Bible Society, 1980.

DEYSEL, L. C. F. **Animal names and categorisation in the Hebrew Bible**: a textual e cognitive approach. Pretoria, 2017. 333p. Doctoral thesis. Faculty of Humanities, University of Pretoria.

DIETRICH, W.; ARNET, S. **Konzise und aktualisierte Ausgabe des Hebräischen und Aramäischen Lexikons zum Alten Testament (KAHAL)**. Leiden: Brill, 2013.

DYK, P. van. Eco-Theology: In and out of the Wilderness. **Old Testament Essays**, v.30, n.3, p. 833-849, sep./oct. 2017.

DUKE, J. A. **Duke's Handbook of Medicinal Plants of the Bible**. Boca Raton: CRC Press, 2008.

ESPÍNDOLA, L. G. G.; LONDOÑO, A. Perspectiva a partir da Bíblia. In: MURAD, A. (Org.). **Ecoteologia**: um mosaico. São Paulo: Paulus, 2016. p. 146-148.

FABRY, H.-J. **Habakuk/Obadja**. Freiburg: Herder, 2018.

GRENZER, M. Caminhos de justos e perversos (Sl 1). In: FERNANDES, L. A.; GRENZER, M. **Dança, ó terra!** Interpretando Salmos. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 9-23.

GRENZER, M. Pastoreio e hospitalidade do Senhor (Sl 23). In: FERNANDES, L. A.; GRENZER, M. **Dança, ó terra!** Interpretando Salmos. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 69-89.

GRENZER, M.; BREY, P. Águia ou abutre? (Ex 19,4). **Revista de Cultura Teológica**, v.25, n.90, p. 347-360, jul./dez. 2017.

GRENZER, M.; GROSS, F. Leis deuteronômicas favoráveis à preservação de fauna e flora. **Pistis & Praxis**, v.11, n.3, p. 778-791, set./dez. 2019.

HÄUSL, M. (Org.). **Vom Garten Eden bis zu Salomos Weinberg: Pflanzen in der Bibel**. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2018.

KEEL, O. **Jahwes Entgegnung na Ijob: Eine Deutung von Ijob 38–41 vor dem Hintergrund der zeitgenössischen Bildkunst**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1978.

KOENEN, K. “... denn wie der Mensch jedes Tier nennt, so soll es heissen” (Gn 2,19): Zur Bezeichnung von Rindern im Alten Testament. **Biblica**, v.75, n.4, p. 539-546, out./dez. 1994.

MAIBERGER, P. מִשְׁבֵּחַ ‘ēšēb. In: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H.; FABRY, H.-J. **Theological Dictionary of the Old Testament**. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2015. p. 383-386. v. XI.

MALLOWAN, M. E. L.; HERRMANN, G. **Furniture from SW.7 Fort Shalmaneser: Ivories from Nimrud (1949-1963)**. London: British School of Archaeology in Iraq, 1974. v.III.

MUSSELMAN, L. J. **A Dictionary of Bible Plants**. Cambridge: University Press, 2012.

RIEDE, P. “Doch du erhöhdest wie einem Wildstier mein Horn”: Zur Metaphorik in Ps 92,11. In: HECKE, P. van; LABAHN, A. **Metaphors in the Psalms**. Leuven: Peeters, 2010. p. 209-216.

RIEDE, P. “Doch frage die Tiere, sie werden dich lehren”: Tiere als Vorbilder und “Lehrer” im Alten Testament. In: RIEDE, P. **Im Spiegel der Tiere: Studien zum Verhältnis von Mensch und Tier im alten Israel**. Freiburg: Universitätsverlag; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2002. p. 1-28.

RIEDE, P. Palme. In: **Das Wissenschaftliche Bibellexikon im Internet**. 2018. Disponível em: <<http://www.wibilex.de>>. Acesso em: 19 jan. 2020.

RIEDE, P. Zeder. In: **Das Wissenschaftliche Bibellexikon im Internet**. 2017. Disponível em: <<http://www.wibilex.de>>. Acesso em: 30 out. 2019.

SARNA, N. M. The Psalm for the Sabbath Day (Ps 92). **Journal of Biblical Literature**, v.81, n.2, p. 155-168, apr./Jun. 1962.

SCHÜTTE, I. M. Dattelpalme. In: HÄUSL, M. (Org.). **Vom Garten Eden bis zu Salomos Weinberg: Pflanzen in der Bibel**. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2018. p. 77-78.

SEYBOLD, K. **Poetik der Psalmen**. Stuttgart: Kohlhammer, 2003.

STICHER, C. “Die Gottlosen gedeihen wie Gras”: Zu einigen Pflanzenmetaphern in den Psalmen. Eine kanonische Lektüre. In: HECKE, P. van; LABAHN, A. **Metaphors in the Psalms**. Leuven: Peeters, 2010. p. 209-216.

TAL, A. **All the Trees of the Forest**: Israel’s Woodlands from the Bible to the Present. New Haven & London: Yale University Press, 2013.

TUCKER, W. D. The Ordered World of Palm 92. **Old Testament Essays**, v.32, n.2, p. 358-377, may/aug. 2019.

ZENGER, E. Psalm 92. In: ZENGER, E.; HOSSFELD, F.-L. **Psalmen 51–100**. Freiburg: Herder, 2000. p. 636.

ZOHARY, M. **Pflanzen der Bibel**. 2.ed. Stuttgart: Calwer, 1986.

Matthias Grenzer

Doutor em Teologia pela Faculdade de Filosofia e Teologia

St. Georgen em Frankfurt

Docente na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo

São Paulo / SP – Brasil

E-mail: mgrenzer@pucsp.br

Recebido em: 27/01/2020

Aprovado em: 17/03/2020

